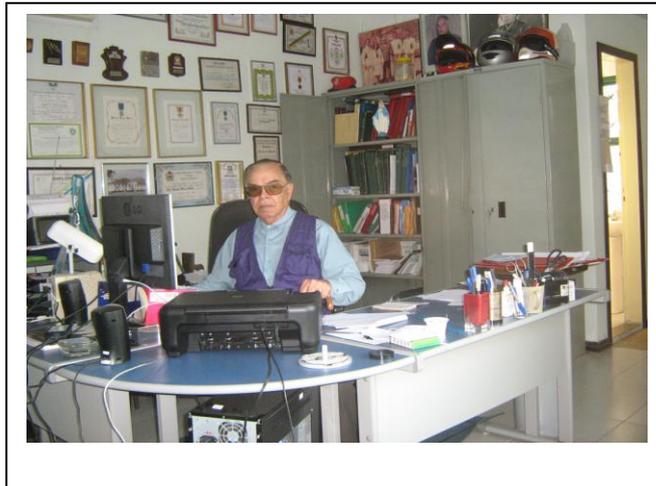


FHE **POUPEX**

EM CANGUÇU COMO CHEFE DE POLÍCIA EM 1842/43 O TENENTE CORONEL FRANCISCO JOSE DA ROCHA O LIBERTADOR DE BENTO GONÇALVES NA BAHIA



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-198 e cursou a ECEME 1967/1969. E esteve presente nas comemorações do centenário da ECEME, tendo produzido Memória sobre aquelas comemorações e disponíveis em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br .

Artigo digitalizado da sua fonte ao final para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim, à AMAN e, em levantamento para ser integrado ao Pergamium

EM CANGUÇU COMO CHEFE DE POLICIA EM 1842/43 O TENENTE CORONEL FRANCISCO JOSE DA ROCHA O LIBERTADOR DE BENTO GONÇALVES NA BAHIA

Cel Claudio Moreira Bento

Presidente da Academia Canguçuense de História

SUMÁRIO

- SIGNIFICAÇÃO DO TEN CEL FRANCISCO JOSÉ DA ROCHA
- A ATUAÇÃO DO BAIANO TEN. CEL. ROCHA NO RIO GRANDE DO SUL
- INCIDENTE DO TEN. CEL. ROCHA X GEN BENTO MANOEL RIBEIRO
- TEN. CEL. ROCHA CHEFE GERAL DE POLÍCIA EM CANGUÇU
A MAÇONARIA EM CANGUÇU 1842-43
O DESTINO DO TEN. CEL. ROCHA
- TEN CEL ROCHA A MINHA CONTRIBUIÇÃO AO 3º SEMINÁRIO INTERNACIONAL
DE HISTÓRIA DE PORTO ALEGRE

SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA

Durante longos anos soube-se que a fuga espetacular do Forte do Mar, em Salvador-BA, do Gen. Bento Gonçalves da Silva, nas circunstâncias misteriosas em que ocorreu foi obra da Maçonaria.

Quando o mestre Pedro Calmon desvendou em detalhes o mistério da fuga no ano do centenário da mesma e em A Noite (1937), emergiu a figura do baiano Tenente Coronel de Caçadores Francisco José da Rocha, possivelmente até parente do Dr. Sabino José da Rocha, líder da Sabinada. Isto por ter sido encarregado pela Maçonaria de coordenar a fuga do líder farrapo. Missão da qual se desincumbiu sem imprevistos e contra tempos e no dia e hora marcados. Ficou assim o ilustre baiano credor de grande serviço à República Rio-grandense.

Terminada a Sabinada ele veio ter ao Rio Grande do Sul, em 1839, onde recebeu acolhimento a altura de seus serviços relacionados com a libertação do líder político e militar da Revolução Farroupilha e, então, Presidente e Comandante-em-Chefe do Exército da República Rio-Grandense e, mais do que tudo - a encarnação e cristalização daquele tempo da alma sul riograndense.

Ivo Caggiani ao descobrir documentos relativos às atividades maçônicas de

David Canabarro tornou possível concluir que o Tenente Coronel Francisco José da Rocha era grau 30 na Maçonaria e, seguramente, a mais alta autoridade maçônica no Rio Grande do Sul, a concluir-se de comunicação do maior maçónologo brasileiro de projeção internacional, General Morivalde Calvet Fagundes, em comunicação, em 1985, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro sob o título - Revelações da Maçonaria do Rio Grande do Sul para a qual contribuimos com alguns dados sobre Canguçu. Tentando

mostrar aos rio-grandenses o perfil do libertador de Bento Gonçalves e ao mesmo tempo cooperar no aprofundamento do citado trabalho do General Morivalde apresentamos outros dados elucidadores do quebra a cabeça - História da Maçonaria do Rio Grande do Sul na citada tese Revelações da História da Maçonaria no RGS.

ATUAÇÃO DO TEN. CEL. ROCHA NO RIO GRANDE DO SUL

Chegando ao Rio Grande em 1838, por haver escapado de ser preso, em razão da Sabinada, em julho de 1839, foi admitido no Exército, com o mesmo posto e conferido-lhe o comando do 2º Batalhão de Caçadores de 1ª Linha do Exército da República, tropa agora ao comando de Bento Manoel Ribeiro.

Portanto o homem que libertara Bento Gonçalves do Forte Mar estava agora sob o comando de quem o havia prendido na ilha do Fanfa (Fagundes, 1984, p. 183) e o enviado para a Bahia. E um choque entre ambos ocorreu com danosas conseqüências para o futuro das Armas da República e do seu próprio destino.

INCIDENTE DO TEN. CEL. ROCHA X O GEN BENTO MANOEL RIBEIRO

O Ten. Cel. Rocha entrou em choque com o general Bento Manoel que o repreendeu publicamente, ocasião em que tiveram uma discussão, a partir da qual Bento Manoel passou a considerá-lo "insubordinado e indigno" e portanto seu desafeto (Fagundes, 1984, p.183).

Neste ínterim Bento Manoel sem ser consultado tomou conhecimento do seguinte decreto assinado por Bento Gonçalves e Mariano de Mattos Presidente e Ministro da Guerra e Marinha, respectivamente, e publicado em O Povo (Fagundes, 1984, p.183). "Tomando em consideração os serviços à causa da Liberdade e Independência deste Estado, pelo digno patriota o tenente coronel de 1ª Linha FRANCISCO JOSÉ DA ROCHA, que por ela tão decidida e francamente mostrara suas generosas simpatias na Bahia sua pátria, a despeito da espionagem inquisitorial do Rio de Janeiro, concorrendo com quanto lhe era possível, em favor dos rio-grandenses que ali se achavam detidos em hediondas masmorras e cooperando para pô-los em plena liberdade. O Presidente anuindo ao seu oferecimento de prestar-se ao serviço deste país, o admitiu no mesmo posto e lhe confere o comando do segundo Batalhão de Caçadores de 1ª Linha, cujas funções exerceu desde 6 de novembro, próximo passado, época da qual contará seus vencimentos".

A inclusão de direito no Exército do Ten. Cel. Rocha que já havia ocorrido de fato cerca de 8 meses antes, causou negativa reação em Bento Manoel. Este em carta de 18 de julho 1839, escrita na atual Cachoeira do Sul, comunicou ao Presidente Bento Gonçalves: "*que para sua inteligência, desde a data desta me retiro demitido da graduação que tenho na República e exonerado do serviço militar*" (Fagundes, 1984, p. 183). E logo a seguir dirigiu-se para sua estância no Jarau, em Quaraí.

Bento Gonçalves tentou de tudo para demovê-lo, o que parecia ter conseguido, até que Bento Manoel teve sua carta de demissão publicada.

Em desabafo a Domingos de Almeida escreveu Bento Gonçalves:

"Eu tenho tudo conseguido aplinar, porque estou acostumado a sacrificar, não só os sentimentos de meu coração, como a própria vida pela salvação da Pátria. Porém, creia, meu compadre, que não fora a publicação daquele ofício (de Bento Manoel)

E, assim, uma distração administrativa divulgada pelo O Povo e o ofício de Bento Manoel divulgado pela Imprensa, teriam causado sério e irreversível problema aos destinos da Revolução que entrou a partir dar em franco declínio (Fagundes, 1984, p.183).

TEN. CEL. ROCHA CONDECORA CANABARRO

Depois do retorno de Canabarro da Retirada dos 100 dias (Viamão - Passo Fundo - Cruz Alta - São Gabriel) quando passou a gozar do merecido prestígio militar, o Ten. Cel. Rocha, segundo documento revelado por Ivo Caggiani, de Santana do Livramento, surgiu como o maçom de graduação mais elevada no Rio Grande do Sul (grau 30). (1985).

O documento foi firmado por Francisco José da Rocha no Vale do Itaqui, no 12º mês do Ano da verdadeira Luz 5843. Nele Rocha escreveu a certa altura:

Como Cavaleiro da Águia Branca e Negra, elevei ao grau 18 o irmão David Canabarro, Gen. da República Rio-grandense, em atividade de Guerra, por encontrar nele todas as qualidades necessárias para ser com o dito grau condecorado e mesmo para maiores serviços poder prestar a nossa Sublime Ordem... Fica autorizado a iniciar Profanos e conceder-lhes até o grau de Mestre, podendo instalar Lojas em qualquer lugar onde transitar em toda a Superfície da Terra"
"(a) Francisco José da Rocha - grau 30"

Este acontecimento, segundo o destacado maçonólogo, Morivalde Calvet Fagundes, teria ocorrido em 12 de abril 1843. Isto é, um dia antes do Conde de Caxias ocupar Livramento, proveniente de São Gabriel aonde chegara em 19 de março e 10 dias depois do ataque do General João Antônio, ao Acampamento da Trilha, próximo a São Gabriel.

Fazia cerca de três meses que o Ten. Cel. Rocha se envolvera em Alegrete, junto com o Cel. Agostinho Mello em rumoroso caso que valeu aos dois início de processo pelo Juiz de Paz, por ordem do Governo, através do General João Antônio da Silveira, então comandante do Exército,

"por terem em Alegrete, acometido à noite a casa do honrado preto forro Manoel Lopes, morador do Alegrete, o espancado e impudicamente insultado a sua família"
 (AAHRGS, p. 542).

A elevação de Canabarro teve lugar cerca de 4 meses antes de Bento Gonçalves abdicar a Presidência em favor de Gomes Jardim e transmitir-lhe o Comando- em-Chefe do Exército.

E possível que o Ten. Cel. Rocha, então Delegado Geral de Polícia em Canguçu, tinha se envolvido no incidente ao tentar evitar que o Cel. Agostinho Mello cometesse mal maior. Pois era dado a se "espiritualizar", ou seja, a abusar da bebida, segundo depoimento do cronista farrapo Ten. Caldeira. Não se tem notícias de desfecho do processo. Walter Spalding em Epopéia Farrapa (Rio, Bibliex, 1963) não transmite boa imagem sobre o comportamento do Ten. Cel. Rocha. E um ponto a ser precisado, 'a luz de novos elementos. Mas Spalding não apresentou prova histórica.

TEN. CEL. ROCHA CHEFE GERAL DE POLÍCIA EM CANGUÇU

Em 15 de julho de 1841, quando Chico Pedro lutava com os republicanos em torno de São Gabriel, D. Clara Maria da Rocha, esposa do Ten. Cel. Rocha, recebeu da Coletoria

de Canguçu 50\$000, a conta dos vencimentos de seu esposo. Existe uma hipótese a confirmar, que dessa união tinha surgido a família Brochado da Rocha. E uma pista a explorar (AAHRGS, p. 741).

Quando, incidente citado em Alegrete o Ten. Cel. Rocha vinha exercendo as funções de Chefe Geral de Policia de Canguçu. Nesta condição recebeu votos à Assembléia Constituinte, votação insignificante, por sinal, por volta de agosto 1842. Seu último ato relacionado com suas funções de Chefe de Polícia de Canguçu data de 4 de junho de 1843. Portanto, teria ficado em Canguçu por quase um ano como homem de confiança de Bento Gonçalves, segundo concluo dos Anais do Arquivo Histórico do RGS Confirmada a elevação de Canabarro em 12 de abril 1843, o ato teria sido praticado pelo Delegado Geral de Polícia de Canguçu.

Em 14 de maio 43, o Ten. Cel. Rocha recebeu ordem de levantar toda a cavallhada da margem direita do Camaquã, retirando-a para local que facilite ser incorporada à Divisão estacionada em Porongos. Neste dia Gomes Portinho batia Chico Pedro no Rincão do Inferno e dois dias depois tinha lugar o combate de Ponche Verde.

Em 17 maio 43, dia seguinte, ao combate de Ponche Verde, recebeu 400 patações para comprar cavalos mansos, novos, gordos e por preços eqüitativos.

Em 24 maio 43, recebeu ordem de apoiar o Cel. Joaquim Pedro Soares encarregado da segurança da Comarca de Piratini e para manter em observação os passos do Camaquã, do passo dos Ferreiros para cima.

Em 30 maio 43, recebeu ordem para cortar em Canguçu 400 cabos de lanças para serem enviados ao Exército e mandar os ferreiros de Canguçu fabricarem o maior número de lanças possíveis. Isto ocorreu um mês antes de Piratini ser reocupada pelos farrapos.

Em 2 junho 43, deu conta dos cavalos comprados e recebeu ordem de só comprar cavalos gordos com pronta indenização.

Em 4 junho 43, foi louvado por haver providenciado, em Canguçu, as lanças e respectivos cabos solicitados pelo Governo, bem como o envio de cavalos que conseguiu comprar.

Dois meses depois foi obrigado a deixar Canguçu, então ocupada por Chico Pedro como sua base de Operações, conforme estudamos em Canguçu reencontro com a História.

Acreditamos que o baiano libertador de Bento Gonçalves e maior autoridade maçônica na Província permaneceu Chefe de Policia de Canguçu até sua ocupação, agosto 1843, como base da Ala Esquerda do Exército de Caxias, ao comando de Chico Pedro ou Moringue, portanto uma permanência estável de um ano em Canguçu. Aí Bento Gonçalves permanecia com frequência gozando a hospitalidade do seu primo Ten. Cel. Florentino Souza Leite.

Florentino Souza Leite residia no local do sobrado ao lado do antigo Sobrado Velho - atual Câmara de Vereadores. Casa das Leite no meu tempo e atual sobrado ao lado do da Rádio liberdade.. Ali Bento Gonçalves esteve várias vezes. Até 1930 existiu na casa velho piano dos tempos dos farrapos que foi aos poucos sendo tirada as teclas e cordas. Talvez Bento Gonçalves nele tivesse escutado músicas.

É tradição local que o malhete maçônico existente em Canguçu, fora trazido por Bento Gonçalves da Bahia de onde foi libertado pelo Ten. Cel. Rocha, como vimos Chefe de Polícia de Canguçu.

A MAÇONARIA EM CANGUÇU 1842-43

Segundo Simões Lopes Netto durante a Revolução Farroupilha foi fundada em Canguçu a Loja Maçônica Fidelidade e Esperança que foi freqüentada por Bento

Gonçalves . E agora afirmamos, como novidade, que foi freqüentada pelo seu libertador da prisão do Forte do Mar, na Bahia, como Chefe Geral de Polícia de Canguçu e no período anterior a Bento Gonçalves haver deixado a Presidência quando segundo Caxias "*haver buscado proteção nos pedregosos serros de Canguçu*", em Ordem do Dia.

Loja fundada pelo fluminense Francisco Ferreira de Freitas e integrada pelo Padre Hipólito Ribeiro, farrapo votado para a Assembléia Constituinte e pai do Gen. Hipólito Pinto Ribeiro o vencedor de Inhandui, em 1893 (hoje sepultado em São Gabriel).

Pesquisando os Anais do Arquivo Histórico do RGS (AAHRGS, p. 542) encontramos referências ao fundador da Maçonaria em Canguçu - Francisco Ferreira de Freitas.

Delas concluo que poderia ser mineiro e não fluminense, por Domingos José de Almeida o haver apresentado as mais altas autoridades da República, pedindo que apoiassem "seu patrício" o que talvez equivaleria a ser mineiro.

Conclui-se se tratar de pessoa importante na Maçonaria por ter o citado Domingos José da Almeida o apresentado cerimoniosa e respeitosamente às altas autoridades da República e inclusive ao Padre Chagas, Vigário Apostólico e a mais alta autoridade da Igreja Católica na Revolução.

Enfim são dados novos para novas e inéditas pesquisas.

DESTINO DO TEN. CEL. ROCHA

Em 1860 o Ten.Cel. ainda vivia, segundo se conclui de carta que lhe dirigiu Domingos José de Almeida.

Nela Almeida agradeceu "*a gentileza recebida como lhe haver apresentado Dr. Melo Morais*" e pediu-lhe confirmar "*se Garibaldi disse que foi conosco que aprendera a Arte da Guerra e a ser brioso*" (AAHRGS, p. 741):

A carta foi dirigida ao navio do Ten. Cel. Rocha, em Rio Grande, e prestes a zarpar. Morava no Rio Grande ou estava em Trânsito?

Foi o Ten. Cel. Francisco José da Rocha que assistiu Domingos José de Almeida dizer ao Gen. David Canabarro que "*sobre ele pesava a acusação grave de haver traído a Revolução dos Porongos*". Ao que Canabarro disse conhecer e mais:

"*Que só esperava uma resposta do Sr. Caxias para publicar um manifesto justificando-se e que para a sua redação talvez o ocupasse*" (a Domingos de Almeida) (AAHRGS, p. 741)

Documentos esclarecerão a permanência por tão longo tempo em Canguçu, do baiano que libertou o Presidente Bento Gonçalves do Forte do Mar e que por certo morou algum tempo no sobrado onde viveu outro baiano José Albano de Souza (Zeca Albano) que casou na família Brochado, onde presumo ter casado o libertador de Bento Gonçalves (2) e dado origem aos Brochado da Rocha. E uma hipótese de trabalho e não uma afirmação.

Nada existe no Arquivo Histórico do Exército sobre o Ten. Cel. Rocha. Esperamos ter mais sorte com os elementos solicitados ao confrade baiano Thales de Azevedo e Gabriel Calmon da Costa Pinto.(3)

EN CEL ROCHA A MINHA CONTRIBUIÇÃO AO 3º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE PORTO ALEGRE

Com a presente contribuição ao terceiro Seminário Internacional de História e Geografia em Porto Alegre, ficamos convencidos que assim como as micro-histórias comunitárias são fundamentais para chegar-se a uma História do Brasil mais fiel, igualmente ficamos convictos à luz das obras do Gen. Morivalde Calvet Fagundes. A Maçonaria e as forças secretas da Revolução (Rio, 1978) e Revelações da História da Maçonaria no RGS, citada que não teremos uma História do Brasil fiel enquanto não

for conhecida a História da Maçonaria no Brasil no século XIX, a explicar combinações secretas das quais resultaram no Brasil grandes avanços como a Independência, a Pacificação da Família Brasileira, em Ponche Verde, em 1ª março 1845, a Abolição da Escravatura em 1888 e a Proclamação em 15 de novembro de 1889 pelo Marechal Manoel Deodoro da Fonseca.. República cujo berço foi seguramente o Combate Seival, em Bagé atual, a mais brilhante e retumbante vitória farrapa. Feito memorável que criou condições para a Proclamação da República Rio-Grandense, em Campo de Menezes, no dia seguinte sob invocação do Supremo Arquiteto do Universo Eventos em que participaram filhos de Canguçu num efetivo de $\frac{1}{4}$ da Divisão Liberal de Antônio Netto. Tarefa a ser desenvolvida, a semelhança do que vem sendo feito, na Europa, por maçonólogos ou historiadores especializados em Maçonaria e não necessariamente maçons.

FONTE

BENTO, Claudio Moreira. Vida do Ten Cel Francisco José da Rocha. Episódios da História antiga e moderna da, Maçonaria. Rio de Janeiro :ABM, 1987. p185-190